

CARLOS DRUMMOND DE
ANDRADE

VIOLA
DE
BOLSO



OS CADERNOS DE CULTURA

269.1
A 553
ex 2

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO

IMPRESA NACIONAL
Escola de Artes Gráficas
N. 94
Data 5/5/52

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA
DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL
BIBLIOTECA

NUMERO	DATA
211	1/7/55

CONTENDO

INVENTÁRIO
HOMEM TIRANDO A ROUPA
AS ROSAS DO TEMPO
A DANÇA E A ALMA
O GATO SOLTEIRO
NOVO APÓLOGO
ARIETA DE SOLTEIRÃO EM JUNHO
OBRIGADO
INVOCÇÃO COM TERNURA
NOTURNO MINEIRO
MAIO NO LEBLON
ROTEIRO DA CASA MATIAS
CIDADE SEM RIO
LUAR EM QUALQUER CIDADE
DESPERDÍCIO
À MANEIRA DE GEIR CAMPOS
OS ROMANCES IMPOSSÍVEIS
ASSOMBRAÇÃO
O AMOR EM VIAGEM
TEMPO E OLFATO
COLÔNIA
MEIGO TOM

INVENTÁRIO

Que fiz de meu dia ?
Tanta correria.

E que fiz da noite ?
O lanho do açoite.

Da manhã, que fiz ?
Uma cicatriz.

Eolas, desta vida
que lembrança lida,

cantada, sonhada,
ficará do nada

que fui eu, cordato ?
Mancha no retrato.

HOMEM TIRANDO A ROUPA

À sua casa cinzenta
chega, coberto de pó.
O orgulho não se lamenta,
mas está só.

Deixou lá fora o que havia
capaz de inspirar-lhe dó.
Nem sente melancolia.
Só que está só.

Num rito dissaborido,
eis que tira o paletó.
Curioso (não tem sentido):
fica mais só.

Despe a camisa e se inclina
sôbre o leito rococó.
A sensação é mais fina:
ainda mais só.

Despojado como um pária,
na nudez sêca de Jó,
liberto da indumentária,
como está só !

Há na roupa uma presença,
um elo qualquer, um nó,
que ao sôzinho de nascença
faz menos só.

AS ROSAS DO TEMPO

Admirável espírito dos moços,
a vida te pertence. Os alvoroços,

as iras e entusiasmos que cultivas
são as rosas do tempo, inquietas, vivas.

Erra e procura e sofre e indaga e ama,
que nas cinzas do amor perdura a flama.

A DANÇA E A ALMA

A dança ? Não é movimento,
súbito gesto musical.
É concentração, num momento,
da humana graça natural.

No solo não, no éter pairamos,
nêle amaríamos ficar.
A dança — não vento nos ramos :
seiva, fôrça, perene estar.

Um estar entre céu e chão,
novo domínio conquistado,
onde busque nossa paixão
libertar-se por todo lado . . .

Onde a alma possa descrever
suas mais divinas parábolas
sem fugir à forma do ser,
por sôbre o mistério das fábulas . . .

O GATO SOLTEIRO

No apartamento da rua Agüero,
ao nível coriáceo de um sapato,
espreita, imperial, sem desespêro,
o gato.

Entre Cruz do Sul, a rota, e Sião
é longa. Está só, mês após mês,
condenado a, de si mesmo, irmão
siamês.

Buenos Aires

NOVO APÓLOGO

A mão disse para a luva :
— Que seria de ti, sem a forma
nervosa, exata, de meus dedos ?

E a luva lhe responde
numa sugestão de flores pensas, de asas em sono:
— Tua essência, mão, está no meu invólucro.
Sou eu que te espiritualizo
e te revelo em tua mais secreta beleza.

Mas o filósofo que tudo ouvira
a um canto do jardim onde duas mãos de már-
[more
deixam correr a água antiga até sempre,
pensou consigo que nem a carne nem o arminho
[concentram a beleza definitiva
e fluida .

ARIETA DE SOLTEIRÃO EM JUNHO

Vento frio, noite quente,
círculo de luz e de lâ.
Agora vou, sutilmente,
fazer da noite, manhã.

Manhã de inverno. Mas, terno,
o sentimento insinua-se.
Ao calor de um bem eterno,
dão brôto as árvores nuas.

Recordo e fumo. Ai, cachimbo
que não me deram nem tenho !
Jamais dormi em Coquimbo
e a lenha é todo o meu lenho.

E o lanho no rosto lembra
um tortuoso tempo escoado.
Em *luchas de macho y hembra*,
dissolveu-se-me o passado.

Agora, porém, figuras
saltam da chama, e à parede
vão debuxando criaturas
de estranhos lábios sem sêde.

Meu caro inverno, agradeço
quanto me dás e me tiras.
A vida de ontem, sem preço,
azula como as safiras.

O que há de triste e de falho
no meu rosto de outras eras
se decompõe no agasalho
do quarto. E voltam quimeras.

Tão rico estou de mim mesmo !
Tão, pobre, sim . . . Mas, fortuna
talvez seja errar a esmo
à proteção da boiúna.

Talvez seja sentir frio
e se aquecer ao calor
de um velho, vago, erradio
impulso de absurdo amor.

E meus gestos, meus retratos,
meu suéter e minha pena,
são tudo jogos abstratos
na superfície serena . . .

OBRIGADO

Aos que me dão lugar no bonde
e que conheço não sei donde,

aos que me dizem terno adeus,
sem que lhes saiba os nomes seus,

aos que me chamam deputado,
quando nem mesmo sou jurado,

aos que, de bons, se babam : mestre !
inda se escrevo o que não preste,

aos que me julgam primo-irmão
do rei da fava ou do Indostão,

aos que me pensam milionário
se pego aumento de salário,

— e aos que me negam cumprimento
sem o mais mínimo argumento,

aos que não sabem que eu existo,
até mesmo quando os assisto,

aos que me trancam sua cara
de carinho alérgica e avara,

aos que me taxam de ultra-beócia
a pretensão de vir da Escócia,

aos que vomitam (sic) meus poemas,
nos mais simples vendo problemas,

aos que, sabendo-me mais pobre,
me negariam pano ou cobre,

— eu agradeço humildemente
gesto assim vário e divergente,

graças ao qual, em dois minutos,
tal como o fumo dos charutos,

já subo aos céus, já volto ao chão,
pois tudo e nada nada são.

INVOCÇÃO COM TERNURA

Poeta humílmo, em ritmo pobre,
todavia me sinto rico
se em Granada diviso a nobre
lembrança de ti, Federico .

Tôda essa árabe, agreste pena
de gitana melancolia,
como, à brisa, se faz serena,
vindo-te nos versos, Garcia !

De um vinho andaluz corre a flama
por sôbre a taça que se emborca.
Se mil mortes sofre quem ama,
é de amor que inda vives, Lorca.

E já baixam teus assassinos
a uma terra qualquer e vã,
enquanto, entre palmas e sinos,
tu inauguras a manhã.

NOTURNO MINEIRO

Cabe pois num vagão
tôda nossa viagem.
Mas é cinza e carvão
amor, e sua imagem.

Eis que range nos trilhos
Uma forma de adeus.
Os cuidados são filhos
da tristeza de um deus.

Entre as rosas do carro
ouço a terra que chama.
A nós, seres de barro,
mais fina é sua gama.

Ó trem, fuga no espaço,
chama, canto, galera !
Os mil poderes do aço,
para mim os quisera.

Monstro azul e cativo,
nossa pressa nostálgica
faz de ti um ser vivo,
errante flauta mágica. . .

MAIO NO LEBLON

Entre os desmaios de maio,
azula o céu carioca
e o sol recolhe seu raio.

Macio maio ! Benvindo
aos que, de pupila doente,
refugiavam-se, no poente,
dos reverberos da praia.

Um frio azul se derrama
e colhe de rama em rama
tôda cantiga de pássaro.
É doce, ficar na cama.

O níquel das bicicletas
— ante a franja turmalina —
se desenrola nas retas
sem fustigar as retinas.

Luz de sêda ! Nos vestidos
anda um prenúncio de lãs
e de agasalhos transidos.
Inverno, prepara as cãs.

Ah! deixar-me ficar na areia
de onde emigram, neste maio,
as gentes de formas feias,
e descobrir nela o côncavo
dos pés de Lúcia Sampaio.

Mês de colóquio e surprêsa,
em que, sereno, o olhar gaio
se infiltra na natureza
e se perde, achando-se. . . Amai-o.

ROTEIRO DA CASA MATIAS

Ai! que passos deu o poeta
neste Rio de águas turvas?
Manteve-se em linha reta
ou derrapou pelas curvas?

Foram passos acertados,
no rumo do bem? ou da arte?
Ou, por mal de seus pecados,
levaram-no a alguma parte?

O poeta foi para casa,
às cinco, após o expediente?
Ou ficou arrastando asa,
inconsideradamente?

Suas pernas, já reumáticas
de tanto correr o mundo,
conservaram-se fleugmáticas?
caíram no poço fundo?

Andou? desandou? sentou-se?
Que fêz o grande pateta?
Pergunta, com o ar mais doce,
a suave amiga discreta.

E o poeta responde : Lígia,
se andei ou estive parado,
se naveguei pela Frígia
ou tão só pelo passado,

não sei : que meus pobres passos,
há muito venho sentindo,
de tão inúteis e lassos,
menos vão quando vão indo.

E, não me levando à rosa
de um impossível jardim
(flor a mais deliciosa
mas que não é para mim),

meus passos sem diretriz,
ao têrmo désses cansaços,
conduzem-me . . . à Ilha Feliz ?
Pois sim ! à Avenida Passos.

CIDADE SEM RIO

O Rio Amazonas é o maior do mundo,
mas o Rio do Tanque é o menor.
(Deslisava na fazenda de meu irmão.)
O Rio Doce banha terras amargas
de maleita, ferro e melancolia.
O córrego da Penha, êsse, coitado,
mal fazia um poço raso
onde a gente, fugindo, se banhava.
Talvez porque me faltasse água corrente,
hoje a tenha represada nos olhos
e neste vago verso fluvial.

DIVINA PASTÔRA

Êsse ressaibo de pureza
que cada um guardou no lodo;
o sentimento do universo
contido em simples escultura;
a comunicação com os santos,
o inefável;
a meninice restituída, o caminho de rosas;
as imagens indeléveis;
o altar, o êxtase, o profundo :
assim te vejo, Senhora dos Humilhados,
Senhora dos Tortos
e dos Marinheiros e dos Passos Incertos
e de tôdas as invocações
que não sobem das litanias mas o coração as
[murmura.

Ó na sombra consoladora de todo o sal dos olhos,
triumfante Madona dos pintores do Renasci-
[mento,

entre azuis e asas de ascensão,
sublimis inter sidera,
stella maris,
dominatrix coelitem,
Nossa Senhora das igrejas do Recôncavo,
do pincel do Ataíde e das estampas de primeira
[comunhão;
ornato do apartamento duplex,
candeia do pobre,
intercessora do humano gênero abatido,
faze-nos de novo crianças e leva-nos a brincar
nos jardins do céu com teu filhinho de ouro.

LUAR EM QUALQUER CIDADE

O luar deixava as coisas mais brancas.
As estrêlas desapareciam.
As casas, as mcitas : impregnadas
não de sereno, de luar.
Caminhávamos interminàvelmente, sem ofêgo,
sem pressa.
Caminhávamos através da lua.
E éramos dois sêres habituais e dois fantasmas
ao mesmo tempo.
Lá longe era o mundo
àquela hora coberto de sol.
Mas haveria sol ?
Boiávamos em luar. O céu,
uma claridade difusa. A terra,
menos que o reflexo dessa claridade.
Tão claros ! Tão calmos !
Estávamos mortos e não sabíamos,
sepultados, andando, nas criptas do luar.

DESPERDÍCIO

Solidão, não te mereço,
pois que te consumo em vão.
Sabendo-te embora o preço,
calco teu ouro no chão.

À MANEIRA DE GEIR CAMPOS

Pastam no campo os bois meditativos.
Porque meditativos? Porque é uso
assim denominá-los. Vão pastando
sem carecer de idéias e adjetivos.
E assim como na roca e no seu fuso
uma tapeçaria, se tramando,
vai criando uma ordem outra de valores
que não a lã consumida no trabalho,
a erva que êles ruminam entre flores
é sangue e ossos, não capim e orvalho.

OS ROMANCES IMPOSSÍVEIS

No jardim da velha praça,
o grupo, disposto em leque,
lembrava, na sua graça,
as moçilas de Balbeque.

Raptar alguma seria
meu anelo mais veemente,
não fôsse, na tarde fria,
a voz do siso, presente.

A reza, o cinema . . . A noite
já se alcatifa de luzes,
aqui, ali, sob o açoite
do vento; porém as cruces,

no tôpo do cemitério,
que antiga fazem a rua
onde, talvez, o adultério
cautamente se insinua . . .

Um halo, um vulto, um arcano
bate à soleira das casas.
Quem é? que desejo humano
anda aí, vibrando as asas?

Não há resposta. O silêncio
baixa, quadrado, completo.
E o tédio, que chega, vence o
anseio de amor discreto.

Assim se passam os dias,
os anos, a eternidade.
E as moças, virando tias
nessa pequena cidade.

ASSOMBRAÇÃO

Era um velho fantasma.
Claudicava da perna
e padecia de asma.

Baixando de seus mundos
intersidéreos, vagos,
à procura de afagos,

encontra a noite quente,
noite aberta, carioca,
e uma porção de gente

amando-se nos bancos,
nas praias, nos barrancos
e sob as amendoeiras.

Tossia o malfadado,
acendia um fogueiro,
mas nem era manjado.

Soluça que soluça,
e carpe de mansinho,
cavalga a mula ruça

e a mula sem cabeça,
e pede, implora, ameaça
em vão, na enorme praça.

Há tanto amor no Rio,
do Flamengo à Tijuca . . .
E o pobre, na sinuca.

Todos se beijam, todos
se vêem tão colados
que estão de ambos os lados.

Onde um fantasma não
tem folga de sentar,
quem pode mais amar ?

Quem sabe do avejão
vindo de longe averno
para esta noite terna ?

O fantasma sem chance
não dizia baibai,
peidemonanfance

nem outras falas doces,
não tinha cadilaque,
o menor badulaque

dêsses de encher o ôlho.
Era um pobre fantasma,
o seu tanto zarolho.

E rodou na cidade
a noite inteira, e a alva
eis que lhe doura a calva

num banco de jardim.
Aqui ninguém se salva.
Orai por êle. Fim.

AMOR EM VIAGEM

Trem arquejante, cansado,
a subir a Mantiqueira,
também eu chego atrasado,
não encontro quem me queira.

Do Rio Grande ao Pará.
de Mato Grosso a Sergipe,
coitado de quem está
procurando amor num jipe.

Numa jangada de vela,
eu beijei e fui beijado,
mas no vento foi-se aquela
que navegava a meu lado.

Pilôto que dás teu giro
montado em peixe de prata,
carrega êste meu suspiro,
e leva a quem me maltrata.

TEMPO E OLFATO

Que me quer êste perfume ?
Nem sequer lhe sei o nome.

Sei que me invade a narina
como incenso de novenas.

Que me passeia no corpo
como os dedos tangem harpa.

E me devolve ao pretérito
e a um ser de lava, quimérico,

ser que todo se esvaía
pela porta dos sentidos,

e do mundo, em que saltava,
qual dum espelho lascivo,

retirava a própria imagem
na pura graça da origem . . .

Cheiro de bôca ? de casa ?
de maresia ? de rosa ?

Todo o universo : hipocampo
no mar celeste do Tempo.



COLÔNIA

Vai ver as antiquilhas
dêsse país das minas.
As nuvens são mortalhas
pousando entre boninas.

Pedras de sangue e choro
maculam a vertente.
Em que invisível fôro
rege um juiz ausente ?

Chove mêdo nas ruas.

MEIGO TOM

M. B.

Ontem, hoje, amanhã : a vida inteira,
teu nome é para nós, Manuel, bandeira.

A. F. S.

Fui à fonte de Schmidt
beber água, lá fiquei.
Quedava bem no limite
do reino de onde-não-sei.

Na sua linfa sensível,
água da mais pura lei,
brilhava o raio invisível
do amor. Como esquecei ?

J. de L.

Arquitetura de cristal e rosa
— ao metro antigo dando-lhe o respiro
de semente ou de corça melodiosa —
é teu sonéto, Jorge, meu retiro.

M. M.

Altíssimo poeta puro,
és tu, meu Murilo Mendes,
que estrêlas, no céu escuro,
alçando os braços, acendes.

A. F.

Poesia, não perdida, achada,
lume geral, mas quinta-essente,
rosa (teu livro) na orvalhada,
já no futuro está presente.

S. R.

Não é santa nem é rosa
mas é a linha radiosa
que ilumina o suplemento
quando não some no vento.

P. R.

Veio da Hungria para a rua do Ouvidor,
mas, ao ver entre nós a trêfega matilha
dos literatos, preferiu pousar na ilha
do Governador.

L. F. T.

Após a leitura
de tua novela
(ó Literatura !)
quem se esquece dela ?

Miro-me no espelho.
Vejo, com assombro,
um cacto vermelho
romper do meu ombro.

E. Q.

Olhos de Elza não cantes, pobre poeta,
se não tens o lirismo de Aragon.
Deixa Elza em paz, e tua musa quieta.
Elza é uma flor, e tu... Carlos Drummond.

E.

Enquanto uma cigarra zine
no ouro da tarde que desmaia,
fitas o rosto de Lenine
com o longo olhar da Krupskaia...

S. C.

As pequeninas casas multicores
e a gente humilde, que pintaste a esmo,
serão signos de amor, por entre flores,
quando o homem se liberte de si mesmo.

Na toalha de mesa de R. C.

Neste cantinho de mesa,
o garfo diz à colher :
a vida, como o talher,
deve brilhar de limpeza.

Repara na minha alvura
ao te sentares à mesa.
Fôra contra a natureza
macular a face pura.

Senta-te nesta cadeira
e aceita nosso jantar.
Tranqüilo : em casa mineira
nunca faltou um lugar.

*A S. da C., por um retrato de
Geneviève Mallarmé, vestida de
Arlequim*

Um arlequim de opôsto sexo
neste postal reflete — vê —
sob as aparências sem nexo,
maint songé épars de Mallarmé.

*A L. B., por um marcador de
livros com o retrato da casa de
Mozart*

Mozart : da casa onde nasceste
vem até mim uma lembrança.
Igual à flauta mágica é êste
marcador que Lúcia me envia.
E como um raio de esperança
dissipando melancolia,
já tua música celeste,
ó Mozart, fonte cristalina !
de um cristal puro eis que me veste,
e o mundo inteiro se ilumina.

L. M.

Villon, Verlaine e Luís
encontraram-se na Lapa.
A vida — essa meretriz —
tanto beija como escapa.
Villon, Verlaine e Luís
entoaram suas canções
com riso, lágrima, uísque,
e entre tantas emoções
deixaram na noite escura.
— Villon, Verlaine e Luís —
a luz mais terna, mais pura.

Departamento de Imprensa Nacional
Rio de Janeiro - Brasil - 1952